

a mosca e o copo de vinho rosé

Xavier enxotou a mosca. O resto do vinho rosé que ele e Júlia já não iam beber aquecia no fundo dos copos. A mosca pousou no bordo de um dos copos. Desta vez Xavier não a enxotou. Júlia também não.

Tinham acabado por passar a tarde na esplanada. Mudaram várias vezes a inclinação do guarda-sol que lhes dava sombra. Com a tarde a chegar ao fim, o guarda-sol tornava-se uma rodela de pano inútil por cima deles, mas nem Júlia nem Xavier o fecharam, como fizeram os veraneantes que ocupavam as outras mesas de plástico da esplanada.

A garrafa de vinho estava vazia a meio da mesa com o rótulo de papel amolecido pelas gotas que se tinham formado à medida que fora aquecendo. Os pratos, com talheres dispostos paralelamente, tinham sido desviados para o lado. Em cada um deles um guardanapo de papel verde-escuro cobria os restos de comida e ia-se ensopando devagar.

Júlia e Xavier sabiam que demoraria muito até que o empregado levantasse a mesa e desse resposta a qualquer outro pedido que quisessem fazer. Era sempre assim. O tempo ali existia de forma diferente.

Júlia vestia um pano azul clarinho apertado com um nó atrás do pescoço por cima do fato de banho. A pele de Júlia parecia ainda mais bronzeada contra a suavidade do pano azul. Os cabelos pretos de Júlia, já secos, tinham-se encaracolado, descuidados. Xavier usava uma camisa branca de linho muito fino e calções largos aos quadrados. A pele dele estava bronzeada, mas bastante menos do que a de Júlia. A pala do boné de beisebol americano escondia-lhe os olhos. Tinha dois dentes encavalitados que só se viam quando sorria e que juntamente com o boné o faziam parecer um rapaz subitamente envelhecido.

Xavier pegou na pequena máquina fotográfica que estava pousada na mesa e começou a tirar fotografias. A ria vazava vagarosa uns metros à frente do estrado de madeira que fazia de chão da esplanada. Júlia esticou as pernas, atléticas e ágeis, para alcançar a trave da cadeira em frente, onde apoiou os pés descalços.

— Mais um dia de férias perfeito — disse, olhando para a ria. — Tenho de tomar um café. Estou tão sonolenta. Não devia ter bebido tanto vinho.

Paralela ao horizonte, uma avioneta atravessou o céu, esticando uma faixa atrás de si onde se lia, em letras muito grandes, «ser feliz é estar distraído».

— Estarão a fazer publicidade a quê? — perguntou Júlia.

— Espero que não seja a cursos de pilotagem. Nem a cartas de condução — brincou Xavier. Júlia sorriu. — Sempre queres ir ao cinema hoje à noite?

— Claro. Estás com medo de perder a aposta? — perguntou Júlia, desafiadora.

Xavier voltou a máquina fotográfica para Júlia e disparou.

— Tenho a certeza de que ele diz: *I have a love in my life. It makes me stronger than anything you can imagine* — garantiu Xavier, teatralizando muito as pala-vras e fazendo Júlia rir.

— Não — disse Júlia, espetando o indicador da mão direita e movendo-o de um lado para o outro.

— Não, não, nem pensar. Ele diz: tenho um sonho. *I have a dream in my life*. Sabes que tens uma péssima memória. Nem sequer te lembras da história do filme.

— Pois não. Mas tenho a certeza de que o que ele diz é: *I have a love in my life*. E a minha memória não é má: é selectivo-sintética — corrigiu Xavier, brincando. — Eu tenho um amor na minha vida — recomeçou ele, fazendo desta vez uma voz ameaçadora e cerrando os olhos de forma insinuante. — Serás vencida e castigada impiedosamente.

O cinema era ao ar livre e os que lá iam faziam-no mais para partilhar a satisfação de estarem de férias do que por causa do filme. Além disso, as casas eram quentes e todos os pretextos para sair eram bons.

E as raparigas punham-se bonitas para irem aos filmes. E no intervalo havia o vendedor de gelados espanhóis. E às vezes o projector avariava e o dinheiro do bilhete era restituído em crédito de dois bilhetes para compensar a maçada. Qualquer uma destas razões era, em geral, mais válida para ir ao cinema do que os filmes, que eram sempre antigos.

— Devia ser obrigatório envelhecer a sul e perto da água — disse Júlia.

— E se o plano for nunca envelhecer? — perguntou Xavier.

— Tarde demais para aderires a esse plano.

— Não sei como consegues ser tão cruel. — Xavier fingiu-se magoado. — Como é que consegues dormir? Sempre pensei que era preciso ser-se minimamente bondoso para se conseguir adormecer.

— Vamos viver até aos cem anos. Vamos ser tão velhos que já nem seremos capazes de falar.

— Esse é que não me parece nada um bom plano — respondeu Xavier. — Tenho a certeza de que és capaz de imaginar um final mais feliz para nós.

— Não é mau deixar de falar quando já não se quer dizer nada. Ou quando já não é preciso dizer nada. É por isso que os velhos desaprendem a falar. A justificação para os velhos desaprenderem a falar é a mesma por que as crianças aprendem.

STOP STOP STOP STOP STOP STOP STOP STOP STOP STOP

Júlia reparou que a mosca caíra dentro do resto de vinho rosé e que tentava em vão trepar pela parede do copo. Achou estranho que não se ouvisse a mosca zumbir. Xavier acompanhou o olhar de Júlia e

ocorreu-lhe que seria interessante apurar se as moscas também se embebedam.

O chilrear do bando de pássaros que levantou voo do verde amarelado do sapal sobrepôs-se à música que chegava à esplanada vinda de dentro do café. Como o bando voava muito rápido e muito rente à água da ria, o seu reflexo dava a ilusão de que um cardume veloz de peixes negros se preparava para aventurar-se fora de água.

— Não consigo suportar tanta beleza — disse Júlia. — Fico com a sensação de que tenho de fazer alguma coisa mas não sei o quê. Tem de se fazer alguma coisa perante tanta beleza, não achas?

— Não — respondeu Xavier, observando um grupo de veraneantes que regressava da praia. — Acho que não tem de se fazer nada. Absolutamente nada.

O grupo atravessava a ria a pé, vindo do outro lado, onde estava o mar. Caminhavam com os braços ao alto para não molharem as toalhas e os sacos que carregavam. Na maré baixa, a ria podia ser atravessada a pé, mas Xavier nunca o fazia porque receava os fundões que todos garantiam existir. Júlia, pelo contrário, atravessava-a todos os dias, a pé ou a nado, mesmo com correntes fortes. Era uma excelente nadadora e ao longo dos anos ajudara vários banhistas que se tinham visto em apuros, quer ali na ria, quer mar adentro.

Uma das mulheres do grupo tropeçou, molhando a toalha e deixando cair a pequena geleira que trazia na mão. Os gestos desastrados da mulher, ao

tentar recuperar a toalha e a geleira, fizeram rir os companheiros. A mulher ainda se queixou, mas logo começou também a rir-se.

— Não me parece possível não ter de se fazer nada — Júlia olhava para o sapal como se estivesse à procura de uma coisa específica. — Às vezes esta beleza toda angustia-me.

— Sinto isso cada vez que olho para ti — disse Xavier, piscando-lhe o olho.

— Estou a falar a sério — Júlia afastou os caracóis que lhe tinham caído para a cara. — Fico insegura perante tanta beleza. Não consigo deixar de pensar em todos os meus defeitos. É como se aqui se tornassem mais evidentes e menos desculpáveis. Ou como se exigissem uma correcção.

Xavier tirou outra fotografia. Escolheu a parte onde a ria recuava ligeiramente expondo molhos enormes de limos castanhos e verdes.

— Tens razão. É tudo belo. Belíssimo. — E depois voltando-se para Júlia, provocador: — Mas só reconhecemos o que existe dentro de nós. A ideia de beleza que te permite reconhecer esta beleza que nos rodeia tem de existir primeiro dentro de ti. Portanto não é o que te rodeia. És tu.

— Oh, não, por favor, não — Júlia fingiu-se entediada.

— E se a minha mulher me desse um beijo?

— E por acaso mereces um beijo?

— Não sei. Mas sei que vou tê-lo. *I have a love in my life* — lembrou Xavier, ameaçador. — É o poder

que tens que determina o que alcanças, não o merecimento. Tens de concordar com isso.

Xavier começou a rir-se e Júlia também.

— Concordo que és um grande idiota.

O grito da criança foi tão estridente que os assustou. A criança era uma das filhas da família que ocupava a mesa ao lado deles. A família era composta pelo pai, pela mãe e pelas duas filhas. Uma das meninas era diferente. As duas meninas eram quase do mesmo tamanho, pouco mais altas do que as mesas de plástico branco. A menina que não era diferente tinha estado a brincar com o cabelo da irmã e fizera-lhe dois totós. A menina que era diferente também quis fazer totós à irmã mas puxou-lhe muito o cabelo, e esta gritou. Quando os pais conseguiram convencer a menina que era diferente a desistir de fazer os totós à irmã, ela afastou-se e foi agarrar-se à mesa onde Júlia e Xavier estavam sentados. Os pais chamaram-na mas ela não obedeceu.

— Não tem importância — disse-lhes Júlia. Voltando-se para a menina que era diferente, perguntou-lhe: — Como é que te chamas?

A menina que era diferente não respondeu. Fixava atentamente o copo com o resto de vinho rosé onde a mosca continuava a debater-se. Aproximou muito a cara do copo e com um dedo papudo apontou o sítio onde a mosca estava, do outro lado do vidro.

— Peixe — disse a menina que era diferente. Depois olhou para Júlia e Xavier e com um gesto rápido despejou o copo para dentro de um dos pratos.

Obedecendo aos pais, a menina que não era diferente aproximou-se da irmã e puxou-a uma vez e depois outra e ainda outra com mais força, porque a menina que era diferente continuava muito interessada a olhar para a mosca no meio do guardanapo verde-escuro encharcado de vinho.

Ao princípio os movimentos da mosca não eram coordenados. Certamente por estar zozna. Mas pouco depois a mosca começou a mexer de forma certa e rápida as patas dianteiras, esfregando ora com uma pata, ora com outra, ora com as duas concertadas a cabeça e o resto do corpo peludo.

— Gatinho — disse a menina que era diferente, fixando a mosca.

A menina que não era diferente conseguiu finalmente levar a irmã de volta para a mesa dos pais.

A mosca pôs-se a arranjar as asas com bastante agilidade. Júlia e Xavier olhavam-na, confundidos. Xavier sentiu-se impelido a fotografar a mosca. Enquanto escolhia um ângulo possível para a fotografia, pensou, é claro que uma mosca encharcada não consegue trepar a parede de um copo e morre afogada. Júlia abriu e fechou várias vezes as mãos como se as sentisse adormecidas. Pensava, quando é que deixámos de nos importar?

Ficaram os dois em silêncio. A avioneta passou no sentido contrário. «Ser feliz é estar distraído». Por fim, Xavier disse:

— Está a fazer-se tarde. Vamos?

— Sim — respondeu Júlia, decidindo-se, enérgica.

— Enquanto pagas vou dar um mergulho ao outro lado. Não demoro nada, está bem?

Levantou-se e começou a andar em direcção à ria. A meio voltou para trás, como se se tivesse esquecido de alguma coisa. Abeirou-se do ouvido de Xavier e sussurrou:

— *I have a dream in my life.*

Caminhou novamente em direcção à ria. Atravessou-a e continuou a andar. Xavier não a perdeu de vista até ela desaparecer lá longe, onde a areia da praia escondia a beira do